



POESIA AINDA QUE TARDIA

poemas de
José Manuel da Silva
2014-2016

©



The Quest

I am My Self
The ruler of My Mind
I fight Me
The tyrant of My Life
I am engaged to the fairy Sanity
But I am in love with Dementia
The witch of Us All
Dementia makes Me happy
And the tyrant has kidnapped her
Thus my never ending quest
To win my Dementia back.

Rio, 2014

Novo Ano, Amor Novo

para J.

Você me fez cativo
desde o primeiro instante
em que era só palavras
uma abstração
uma intuição.

Você me herdou dividido
e seu sorriso me completou
já era realidade
uma revelação
uma constatação.

Você me tornou possível
e sua voz nos tornou reais
vida se fazendo viva
uma renovação
uma realização.

Seu corpo me deixa louco
seu gozo me tira o chão
é como se te tocasse
é como se te beijasse
você é meu pensamento
minha aventura de ficção.

Você me faz viajar
e seu desejo é o meu querer
é o amor que se faz presente
uma preparação
uma libertação.

Você me devolveu o amor
dissolveu a relutância
tornou possibilidade
eliminar nossa distância.

Rio, janeiro de 2015

As pessoas não mudam.
Revelam-se.

Rio, 2015.

Tudo é um grande mistério
Uma enorme confusão
Discursos em meio ao tédio
Criminosos de plantão.

Tudo são vidas carcomidas
Aguardando solução
Balas perfurando a noite
Blá-blá-blá na televisão.

Tudo são flores no governo
Números em ébria direção
Pobres, gays e negros morrem
Não podem comprar proteção.

Tudo arde sob a crosta
Ódio em ebulição
Novidades nas vitrines
Facilidades e dívidas no cartão.

Tudo tem um ar mofado
Existência em decomposição
Tantas selfies sorridentes
Verdade ou falsa ostentação?

Tudo muda, tudo acaba
E renasce em novo chão
Tanta coisa ainda por fazer
Tanto sim que ainda é não...

Tudo ainda é mistério
Uma eterna confusão
Permanência e impermanência
Interregnos da paixão.

Deixei meu coração longe daqui
E por isso vivo meio deslocado
Escrevo coisas que não entendo muito bem
Sou um vazio que caminha desfocado

Minha vida passa em brancas fugas
Um animal desértico empalhado
Lembro de coisas incertas do passado
Um ser que inexistiu conformado

Tenho pouca erudição
Vivo só de emoção
Minha vida é sem valor
O que tenho é muito amor

Deixei meu coração na mão de uma pessoa
E é por isso que me sinto apagado
A lembrança é só o que me resta
Até que tudo tenha se acabado.

Rio, 2015

Enquanto isso
O mundo cai de joelhos
Aos pés da inutilidade

Rio, 2015

o cheiro da chuva
entardecer
nostalgia
passado no presente
saudade
da gente

Rio, 2015

Tô na seca da inspiração
Preciso de um novo amor
Ou de uma grande desilusão.

Rio, 2015

Vão-se os dias
As horas
Os anos
Disputo meu quinhão
Resolvo o mundo
Decifro enigmas
Pinto o impossível
Converso com o inominável
Enquanto penso.

Perco-me em sonhos
Componho melodias
Conheço os deuses
Amo princesas
Viajo em discos voadores
Venço as guerras
Descubro a cura da paixão
Visito os mortos
Enquanto durmo.

Vejo horrores
Sinto temores
Pressinto a barbárie
Percebo a hipocrisia
Choca-me o poder
Compra-me o dinheiro
Planejo o infinito
Tudo despenca
Enquanto acordo.

Trabalho
Conquisto
Discuto
Brigo
Gozo
Ganho
Perco
Desespero
Enquanto vivo.

O nada
O fim
Desenquanto.

imagino colinas e sertões
rios, mares, montanhas
aragem, brisa fresca
pastos, pássaros e bosta
invernos e verões

lembro de miragens e desertos
oásis em meio a lisas coxas
odores, toques e sabores
sons, ruídos, gritos e gemidos
pensamentos precisos e incertos

sinto saudade do inacontecido
sensações insentidas, pensamentos intidos
devaneios à beira-mar, fogueira no frio da montanha
cães, gatos, crianças e brincadeiras
lágrimas e sorrisos, brigas e amuos

corro pelas ruas empoçadas de chuva
procurando aquilo que não me dá tanta certeza
os pés descalços, o cansaço, o quase desmaio
passo entre passantes, desolho os olhares curiosos
só me interessa encontrar o que não procuro

da sarjeta vejo luzes vermelhas que me acenam preocupadas
pressinto o labirinto de incertezas encobertas
o véu se põe, o sol se desvela em noite fechada
membros dormentes, vagos pensamentos
e um quê de tranquilo no universo

decifro as bocas, os olhares, os gestos de um filme mudo
som imaginário, etéreo, inexistente
um grito agudo, surdo, lancinante e indolor
mescla divertida de anomalias temporais
universos paralelos que se unem num sorriso fugaz

há verdades ocultas no absurdo
há perguntas insolúveis na indolência
há uma parte do todo nesse nada
há uma parcela do sempre em meu jamais

resta algo de insolúvel no escuro
algo de incontido no recuo
no frio que aquece
no pensar
que aos poucos
enlouquece
e fenece

O amor se aquece no querer
O querer se origina do poder
O poder é a essência do viver
O viver a certeza do morrer.

Rio, 2015

uma breve conversa

- [silêncio]
- [silêncio]
- A gente podia namorar.
- Podia não.
- Por quê?
- Porque não quero.
- E o que você quer?
- Sexo.
- Só sexo?
- Só sexo.
- Mas por quê?
- Porque sim.
- Só sexo é muito frio, distante...
- Não acho.
- Fica uma coisa muito mecânica.
- Não acho.
- Prefiro namorar.
- Você. Eu não.
- Namorar que é bom. Tem cumplicidade, tem companheirismo, amor, carinho.
- É.
- E tem sexo também.
- Tem.
- Por isso que é melhor.
- Pra mim não.
- E quando a gente namora faz amor, não é só sexo.
- Nem sempre.
- Ah, eu acho.
- Eu não acho. Isso tudo é nome.
- Só sexo é muito chato.
- Pra você. Pra mim não.
- [silêncio]
- [silêncio]
- A gente podia tentar.
- O quê?
- Namorar.
- Podia não.
- Por quê?
- Já disse. Não quero.
- Se não der certo, a gente termina.
- Não.
- É trauma?
- O quê?
- Não querer namorar.
- Não.
- Medo?
- Também não.
- Então é o quê?
- Opção.
- Mas namorar é bom.
- Eu sei.
- Então por que não?
- Porque não quero.

— Mas você disse que é bom.
— Disse.
— Então você também gosta.
— Gosto.
— Então...
— Gosto mas não quero.
— Não faz sentido.
— Pra você. Pra mim faz.
— E se eu não quiser só sexo?
— A gente não faz.
— Aí nem namoro nem sexo.
— Isso.
— Não vai ser ruim?
— Vai.
— Pela falta do namoro ou do sexo?
— Do sexo.
— Mas só sexo fica sem afeto, sem proximidade, sem participar na vida do outro.
— Não acho.
— E fazer só sexo não é gostar.
— Pode ser sim.
— Não acho.
— Mas eu acho.
— Vamos tentar.
— O quê?
— Namorar.
— Melhor não.
— Mas por quê?
— Já falei um milhão de vezes.
— O quê?
— Só quero sexo.
— Ah tá.
— Pois é.
— [silêncio]
— [silêncio]
— Minha bateria vai acabar.
— A minha também.
— Tô livre nesse sábado.
— Eu também.
— [silêncio]
— [silêncio]
— Mesmo lugar?
— Pode ser.
— Oito tá bom?
— Tá sim.

E no meu leito de morte
Se voz ainda tiver
Hei de berrar um sonoro foda-se
Para o mundo e quem perto estiver

Para todos os que creem
Porque nada aqui é crível
Para todos os que amam
Porque o amor é impossível
Para todos os que sabem
Porque o saber é inatingível
Para todos os que esperam
Porque a esperança é inflexível
Para todos os que podem
Porque o poder é insensível
Para todos os que estão certos
Porque a certeza é discutível

Assim
Quando chegar o meu fim
Encerrarei meu folhetim
Com um saboroso tim-tim

E no meu leito de morte
Se voz ainda tiver
Hei de berrar um sonoro foda-se
Para o mundo e quem perto estiver

Ouço um cantar distante
Inconhecido
Um lamento constante
Desprovido

Ponho-me alerta, escutante
Possuído
É um chamado pulsante
Reconhecido

Identifico meu ser exultante
Incontido
Abandono todo o restante
Atraído

Vou ao encontro da rima
Que invento
Vida abaixo ou acima
Rebento

Odor
Sabor
Toque
Retoque
Demência
Essência
Vivência

Ouço agora os tambores do tempo
Os clamores do amor ao relento
Vejo enfim a clareira do som
Entrego-me a uma canção fora de tom
Num espaço que não é mau e nem bom

Fecho os olhos de prazer
A vida é assim que deve ser
O fazer do não fazer
O dizer do não dizer

Destino sutil
Absurdo
Febri
Neurose e festim
Do início
Ao fim

em uma nova dimensão
brilha uma estranha sensação
cova e berço
demônio e terço
harmônios do tempo
entalhes da existência
o devaneio
que passa
os cães
a caça

Rio, 2015

pedra
tornei-me pedra
sou pedra
tudo em mim é pedra
pedra
tudo em volta é pedra
pedra
vejo a pedra
sinto a pedra
penso a pedra
sou a pedra
pedra
a minha volta o mundo
quase pedra
pedra
a vida em pedra
em pedra
o sertão sempre foi pedra
o mar vai virar pedra
a minha volta gente
quase pedra
pedra
o futuro é pedra
quando tudo é pedra
pedra
permaneço pedra
é bom ser pedra
pedra
só pedra
nada mais do que pedra
cheiro
de pedra
gosto
de pedra
sou a pedra
a pedra sou eu
todo o rio passa pela pedra
pedra firme
pedra imóvel
pedra empírica
pedra semiótica
pedra robótica
pedra
só pedra
a pura pedra
enquanto pedra
eternamente pedra
a pedra do tempo
no tempo da pedra
pedra em poesia
poesia em pedra
a arte da pedra
a musicalidade surda da pedra
a pedra não muda

eloquente pedra
a sabedoria da pedra
pedra globalizada
pedra informatizada
pedra digitalizada
pedra
pedra daqui
pedra do além
pedra
faço parte da pedra
sou a pedra
desperto
na pedra
imobilizado
na pedra
impensado
na pedra
vivo na pedra
sinto-me mais alerta na pedra
pedra da alegria
a pedra não chora
a pedra só sente
a pedra vibra
pedra dura
pedra de toque
não me toque
pedra angular
pedra fundamental
pedra filosofal
a magia da pedra
a pedra na história
a pedra em glória
pedra pedestal
sou toda a pedra
qualquer pedra
sem pressa
sem alarde
só pedra
uma pedra
a pedra
fragmento do todo
totalidade da pedra
existência de pedra
completude da pedra
a certeza da pedra
que sou
pois sou
pedra
o efeito pedra
dia e noite de pedra
permanecerei pedra
incrustado na pedra
revestido de pedra
sou pedra

virei pedra
fiquei pedra
pedra
sou minha própria pedra
os seres se movem
parados
estáticos
na pedra
que não ficará
sobre pedra
pedra do horizonte
no horizonte pedra
no futuro pedra
a pedra do futuro
pedra
eu pedra
enquanto pedra
aqui em pedra
em verdade vos digo
outras pedras virão
no encontro das pedras
pedra e cia.
companhia de pedras
pedras
todos pedras
pedras
tudo pedra
pedra
da pedra
pela pedra
para a pedra
pedra
sempre pedra
repetidamente pedra
pedra
 pedra
 pedra

Rio, 2015

ecos
de pensamentos obscuros
pensamentos impensados
insondáveis
ecos
de sonhos impossíveis
sonhos insonháveis
impudicos
ecos
de vozes enterradas
vozes emperradas
oxidadas
ecos
de passos distantes
passos assustadores
invasores
ecos
de alegrias fugazes
alegrias vorazes
enganosas
ecos
de vidas invividas
vidas passadas
amargadas
ecos
e mais ecos
de dias aguardados
dias angustiados
apressados
ecos
de infância protegida
infância enganada
despreparada
ecos
de esperança instável
esperança mascarada
inalcançável
ecos
de certezas imaturas
certezas mutantes
aberrantes
ecos
de dor infinita
dor profunda
imensurável
ecos
de olhar vazio
olhar distante
insondável
ecos
de amor desamado
amor indescritível
intolerante
ecos

de pessoas passadas
pessoas desencontradas
inencontradas
ecos
do trabalho escravo
do trabalho suado
opressor
ecos
da riqueza incontrolável
riqueza corrompida
sanguinária
ecos
do poder inconquistável
poder corruptível
inadmissível
ecos
de futuro inalcançável
futuro remoto
indeterminado
ecos
somente ecos
ecos que sobraram
ecos da existência
tudo são ecos
nada mais do que ecos
ecos da luz
ecos da sombra
ecos que carregam a memória
para além da memória
inglória
história
da não história

Rio, 2015

do what you can do
be who you may
say what you can say
that's the essence
that's the way

Rio, 2015

E então ele veio para alegrar o povo
E foi bom
Falou
Ordenou
Ilustrou
E como era necessário
Predeu
Condenou
Matou
E seu tempo acabou

E então ele veio para ensinar o povo
E foi bom
Falou
Ordenou
Ilustrou
E como era necessário
Predeu
Condenou
Matou
E seu tempo acabou

E então ele veio para controlar o povo
E foi bom
Falou
Ordenou
Ilustrou
E como era necessário
Predeu
Condenou
Matou
E seu tempo acabou

E então ele veio para dominar o povo
E foi bom
Falou
Ordenou
Ilustrou
E como era necessário
Predeu
Condenou
Matou
E seu tempo acabou

E então ele veio para modernizar o povo
E foi bom
Falou
Ordenou
Ilustrou
E como era necessário
Predeu
Condenou
Matou
E seu tempo acabou

E então...

o ser só é sincero
íntegro
completo
autêntico
na dor
intensa
profunda
inadiável
a felicidade é artificial
superficial
fugaz
paliativa
alivia a dor
é analgésica
é pele
não vai na raiz
da dor
só a dor ensina
só a dor determina
a alegria é crença
a dor é fato
preciso
exato
momentos felizes são ilusórios
membros acessórios
o ser só é feliz quando mostra a dor
seja de que maneira for
um grito
um soluço
uma lágrima
uma lástima
a dor armazenada
a dor acumulada
a dor disfarçada
isso é sobreviver
sentir a dor em sua plenitude
é matar ou morrer
esse o verdadeiro viver

Rio, 2015

A estrela me brilha desconfiada
Intrigada
O que faço aqui
No meio do nada

Procuro um avatar da alegria
Desgarrada
Alguma trepidante emoção
Indomada

O ar me respira afobado
Esganado
Um sufocar requintado
Abafado

O tempo me escapa apressado
Irritado
Continuo no centro de nada
Desesperado
Insanamente
Irreversivelmente
Irrecuperavelmente
Agoniado

Rio, 2015

um último beijo
antes de partir
antes de ir
um último afago
no sentir

que tudo é momento
tudo é fugaz
aqui estava
não está mais

um último instante
de prazer
hino ateu
um último beijo
de adeus

Rio, 2015

porque
no fundo
todos acham
que procuram
que perderam
a sua

| m
e
t
a
d
e

Rio, 2015

a afeição não é nada
o carinho não é nada
a atração não é nada
o amor não é nada
a paixão não é nada
o sexo não é nada
o apaixonamento
é o que vale
é o que conta
o apaixonamento
é tudo

Rio, 2015

Some games you just can't win.

Rio, 2015

todo mundo diz eu te amo
pra todo mundo
todo mundo é amigo
de todo mundo
ternos sentimentos
banalizados

Rio, 2015

é preciso avaliar o tamanho da cor
a rapidez da canção
o som da intuição
a precisão do amor

é necessário ver o invisível
perceber o indizível
discutir o relativo
justificar o desmotivado

o ser só existe no não ter
a noite só reluz no amanhecer
a mente sã desafia o destino
faz pacto com o desatino

notas em tom maior
o delírio sabemos de cor
o ritmo da sensação
necessidade do coração

insanidade
verdade
o humano
é um ente que arde
sem alarde

Rio, 2015

e quando você vê
o tempo passou
e você não mudou
se transformou

a noite cai
o dia vem
o sim vira porém

o momento é um senão
no contínuo da contramão
o beijo do vento
sempre traz alento

Rio, 2015

ninguém conhece o próprio ser
ninguém sabe o que dizer
quando a dor vira prazer

ninguém conhece o ser do outro
quando o grito fica rouco

o ser é pulsação
um ser é multidão

Rio, 2015

desisti de viver
como todo mundo
quando percebi
que de olhos fechados
vejo mais fundo

Rio, 2015

o ser incompleto
tem medo da dor
chama o silêncio de ausência
e o desconhecido de amor

o ser incompleto
tem medo do incerto
precisa de óculos
para o que está perto

perto dos olhos
perto do chão
perto dos sentidos
longe do perdão

o pecado
é o recado
de que você
está equivocado

Rio, 2015

um olhar
imenso
um se acabar
intenso

esse o segredo
de se apaixonar
o resto?
mero desejar

Rio, 2015

os sentidos param de respirar
quando o ar parece acabar
a beleza não tem mais par
o que importa é contemplar

o hoje
o ontem
o amanhã
o delírio, que seja
o que importa
é fingir que se tem
o que se deseja

Rio, 2015

há quase tudo entre o céu e a terra
entre a paz e a guerra
entre o chão e a flor
entre o espinho e a dor

pensam que sabem
o que move o planeta
mas a essência
a demência
a carência
só o poeta conhece
a morte da vida
só ao pensador apetece

Rio, 2015

o amor é bonito
o amor é lindo
o amor é surdo
é absurdo

o amor é aluvião
é ilusão
é o certo do incerto
é o longe que é perto

Rio, 2015

Ascensão e Queda

teu amor me intriga
como o sexto sentido que não entendo
a sensação que não se explica

teu amor me atrai
como a brisa suave que me acalma
a água gelada que me apraz

teu amor me seduz
como um ímã no corpo e no espírito
o caminho que me leva até a luz

teu amor me alucina
como a droga que desperta o melhor do ser
o tesão e o carinho em sintonia fina

teu amor me leva embora
na espaçonave que aterriza em planetas desconhecidos
a viagem dos sentidos que me faz perder a hora

teu amor me completa
como a outra metade do querer
a melodia mais doce e mais seleta

teu amor me odeia
como um infortúnio em tua vida
o inseto intruso à meia-noite e meia

teu amor me afasta
como o cansaço no final do dia
o veneno que lentamente mata

teu amor me dói
como a cicatriz que lembra a incisão
a absoluta necessidade que corrói

teu amor não acaba
como o perfume entranhado na roupa desusada do armário
a saudade do outrora tudo que é mais nada

teu amor é memória
como a mancha insaível em algum recanto da alma
a parte incurável da minha história

teu amor é história
como o eterno termo de comparação
o tranqüilo imaculado gotejar da memória

e um dia a ficha cai
dói, mas é preciso
depois de tudo
com tudo
por tudo
lá no meio do teu ser
chame de alma, se quiser
ou outro nome qualquer
bem lá do fundo
vem a constatação
a concreta sensação
a certeza final
chocante de tão banal
nada
nem
ninguém
pode te fazer feliz
você escolheu esse caminho
não há do que reclamar
foi uma opção
um risco calculado
consciente
você e você
egoísmo?
individualismo?
pode ser
ou não – talvez só mais um ismo
quem pode avaliar
aquilo que te satisfaz?
a busca é uma fantasia da mente
a ilusão de encontrar
o inencontrável
vive-se buscando
seja o que for
na companhia de todos
conhecidos e estranhos
dinheiro, poder, amor, deus, felicidade
essa então
a grande ilusão
justificativas explicativas
mas o certo mesmo
a verdade absoluta
é uma só, é até bem simples
o ser é só
é só o ser
é só o ser só
mas pelo menos antes do fim
a ficha cai
a verdade sobressai
bem legível, escrita em tinta, caneta ou giz
nada
nem ninguém
pode te fazer feliz.

teu olhar me excita
teu corpo me seduz
tua voz me atiça
teu contato me conduz

teu cheiro me convida
teu gosto me alucina
teu gemido me motiva
teu grito me domina

teu cansaço me compraz
teu abraço me conforta
teu sono me entorpece
tua lembrança me adormece

Rio, 2015

você só conhece a vida
quando entende o suicida
o alcoólatra
o ladrãozinho de rua
e a puta do mangue
o sangue
o preconceito
a hipocrisia do direito
ou seja
quando entende o verdadeiro sentido
do tanto faz
do nada a perder
a futilidade do rico
a inutilidade do pobre
a fragilidade da vida
você só entende o amanhã
quando amarga no hoje
o futuro do pretérito

Rio, 2015

as casas mudam de dono
os corpos trocam de mão
os corações, não sei

o sol se veste de lua
o dia se transforma em noite
o amor, não sei

tudo muda e tudo permanece
a música da vida é a poesia da morte
o ser, não sei

o homem é a mulher ao contrário
a criança, o adulto impotente
as gentes, não sei

a dor é uma alegria frustrada
a tristeza é sempre um dia cinzento
a felicidade, não sei

saber, não saber
uma questão de opção
um alternar momentâneo
um som, um ruído
um desnexo, um sentido
a verdade, não sei

de tudo um pouco, aos poucos
o começo e o meio
o fim, não sei

Rio, 2015

pensamento
raio
fulgor
estertor

a vida é um divertimento em ré maior
altos e baixos
modulações
emoções

sonhar
é ver
um campo multicolor
na parede incolor

o poema avança na página
como o viver

e volta devagar

ao início

descrescer
fenecer

Rio, 2015

you me fala de deus
e eu vejo o absurdo
eu te falo de gozo
e you me veste desnudo

you me mostra o espirito
e eu devolvo a razao
eu aponto um talvez
e you me atira um nao

you me cala certezas
e eu discuto opcoes
eu desisto e constato
nossos caminhos
incompativeis direcoes

Rio, 2015

Quatro horas da manhã e eu aqui pensando:
como dormem os que não pensam?

Rio, 2015

ouço vozes
ferozes
que me lembram
do fim
que me trazem
pra fora de mim

Rio, 2015

olhar nos olhos
é para poucos
amar rasgado
só mesmo os loucos

Rio, 2015

a pátria afunda
como sempre fez
a corja imunda
desfaçatez
roubo, descalabro
falcatruas, negociatas
acordos espúrios, mamatas
nada de novo
tudo de novo
a pátria ficou sem chuteiras
o país se dividiu
entre o coxo e o aleijado
um xinga o outro
o mal informado e o iludido
enquanto isso
continua a roubalheira
grassa a bandalheira
o tal milagre foi ilusório
quem se deu bem foram os salafrários
brigam cachorros grandes
tubarões e pescadinhas
todos na mesma rinha
picuinha, erva daninha
vida mesquinha
dinheiro e poder
e no meio, o povo
sem ter o que comer
passeiam estatísticas
teses ensaísticas
pra lá e pra cá
a saúde não cura
a educação não ensina
a ética esvaiu-se
nossa triste sina
mata-se aqui, discute-se ali
e nada descasca
esse abacaxi
ódio, fascismo
boçalidade
conservadorismo
radicalismo
a polícia que mata
a política puta
magistrados comprados
os ricos impunes
imunes
os pobres, chorume
governante imbecil
povo servil
sistema senil
mente pueril
essa a história
desse meu brasil
a colônia explorou

o império roubou
a república enganou
a ditadura anulou, matou, escrachou
a neorrepública iludiu
e caminhamos todos
a passos lentos
pra puta que nos pariu
está provado
nesta terra nada dá
só dá corrupção
de todos os lados
o gigante jamais acordou
está em sono profundo
ignorante do resto do mundo
acima o safado estudado
abaixo o infeliz abandonado
a esquerda nojenta
a direita odienta
farinha do mesmo saco
advogados de causa própria
batem panelas os agiotas
gritam perdidos os idiotas
e em meio ao caos
incautos dizem amém
a verdade está nua
a realidade está crua
não há saída, não há perdão
este é o país do hoje não
o tempo passa e o carnaval insiste
a hora chega com a novela em riste
e a televisão, mentiras deslavadas
jornais, revistas, opiniões forjadas
nos bares a conversa insossa
donos de diversas pseudoverdades repetidas
nossa intelligentsia emburreceu
nosso fulgor no fundo jamais luminesceu
a única conquista desta gente
foi um pouco de liberdade emergente
de resto, só falta
tudo é falta, falta tudo que importa
falta vergonha na cara
acima e abaixo
falta seriedade
falta serenidade, prioridade
o leite não há, mas não falta o tecnocelular
a luta dos extremos mata quem está no meio
este país precisa pensar
pensar e conversar e se desmanipular
este país precisa ler
este povo precisa de alforria
de poesia, ainda que tardia

dito tudo isto
nada mais a declarar
o fim é descomeço
que não pode parar

Rio, dezembro de 2015

Quem me acompanha
Já sabe da manha
Quem está de fora
Não vai ser agora
Faça sol
Ou caia neve
Adeus
Ou
Até breve.

Rio, janeiro de 2016

POST SCRIPTUM

PS1

rap da revolta

fico ouvindo você falar da fome e do abandono e das balas perdidas
sentado aí na sua poltrona confortável com as pernas cruzadas e comida no prato
seus filhos vão pra escola particular com livros novos publicados neste ano
você viaja, você se diverte, você come fora, você se protege, você tem dinheiro no banco
e eu fico aqui rindo do nada porque tenho nada e nada perco a risada é de graça

nada contra sua riqueza
mas você não sabe nada
da pobreza

você viaja de helicóptero do seu escritório pra sua prefeitura com o chão encerado
eu leio no jornal com meu português sofrível que você tá sendo processado
a televisão informa que você roubou, matou, corrompeu e continua solto e recorrendo
sinto na carne a justiça que só vale pros outros enquanto você sorri satisfeito e aliviado
você briga com o inimigo e depois faz as pazes como se tudo fosse natural

nada contra sua esperteza
mas você não sabe nada
da pobreza

ouço vocês falando de democracia, igualdade, melhorias, povo e educação
mas meu filho está fadado à pobreza, ignorância e violência contra o próprio irmão
os filósofos e sociólogos e antropólogos e especialistas e donos da voz soltam o verbo
acusando e defendendo com frases empoladas que eu não entendo e não sei rebater
vocês falam de deus e representam a família mas fazem aborto quando a filha ameaça a eleição

nada contra sua hipocrisia
mas você não sabe nada
da nossa agonia

você diz que conhece o brasil e entende o problema do sujeito das ruas
acho que não porque quando chove continua tudo alagado
quando eu fico doente morro na fila porque o médico fantasma está com dor de barriga
você fala em distribuir riqueza e acabar com a linha da pobreza
mas o morro continua morro, o rico continua rico, o pobre continua pobre, fodido e sacrificado

nada contra seu desprezo
mas você não sabe nada
do povo indefeso

agora é moda falar na constituição e ser contra a corrupção no politicamente correto
mas meu bolso está vazio, minha mesa sem comida e meu coração um vácuo total
eu parcelo, me endivido, não durmo e dou a volta porque não tenho nada a perder
só pra ter o mínimo da subsistência, o mínimo necessário a uma mísera existência, o mínimo de prazer
você é capitalista, condena o comunismo, diz que é solidário mas não paga o fgts da tua diarista

nada contra sua falsidade
mas você não sabe nada
da nossa necessidade

eu trabalho, me esforço, ensino às crianças que o ódio não resolve os problemas
mas é difícil ver você no shopping torcendo a cara quando o pobre entra pra ver como é que é
sabe, eu tô cansando de tanta palhaçada, de ser o cu da sociedade e viver no sovaco do mundo
não quero o que é seu, só queria poder dizer que tenho um pouquinho, uma coisinha à toa de meu
o mundo gira, entra ano e sai ano e eu continuo aqui sem perspectiva, sem dignidade

nada contra você
mas antes que eu me esqueça
antes que eu desapareça
pare de falar bobagem
sobre o que não conhece
aproveite o amanhecer
e vá se foder

repetindo pra ficar bem claro
nada contra você
mas antes que eu me esqueça
antes que eu desapareça
pare de falar bobagem
sobre o que não conhece
aproveite o amanhecer
e vá se foder

PS2

poema da simplicidade

defina saudade
e você definirá o vazio
defina tesão
e você definirá o sabor
defina você
e terá definido o amor

Rio, 2016

sei que já não existe mais nada entre nós
porque já esqueci do teu cheiro
teu gosto
teus ais

sei que você está bem
eu vivo bem também
é bom quando o passado vira somente uma memória difusa
não há dor
só lembrança
doce ou amarga
a memória dói
mas não corrói

já esqueci o caminho da tua casa
tua voz é um eco distante
há pedaços amorfos de coisas
boas e ruins
peças perdidas
de um quebra-cabeça empoeirado

não havia mais tesão
não havia mais solução
o mundo passa
e também passamos nós

ouço falar de você
raramente
e preciso me esforçar
para compor teu rosto
teu corpo
como um esboço no papel

não há mais sentimento feroz
acho que nem sentimento há mais
por isso tenho certeza
sei que já não existe mais nada entre nós

Rio, 2016

contido
pra não te sufocar
comedido
pra não te irritar
recolhido
pra não te transbordar
divertido
pra te agradar
escondido
pra te libertar
dividido
pra te completar
sofrido
por tanto te amar
renascido
nesse teu olhar

Rio, 2016

não existe solidão
só a constatação
de alguma inadequação

da percepção
da diferenciação
de uma opção
do por que não?

não existe solidão
só um contrato de locação
sem comunhão
sem invasão

não existe solidão
não existe
não

Rio, 2016

te vejo
te desejo
fantasio
e me calo

te observo
te admiro
disfarço
e não falo

te conquisto
te desvisto
resisto
e desisto

Rio, 2016

sonhava um dia
– uma terça ou quarta –,
com onde não havia
crença
desavença
ganância
intolerância
mas o mundo chamou
e o sonho acabou

Rio, 2016

o que dizer depois de tantos anos
o que lembrar depois de tantos planos

Rio, 2016

um cavaleiro épico
virá nos resgatar
uma senhora diáfana
virá nos libertar
a vida segue fogo
a nos queimar
afogueada
a nos matar

Rio, 2016

aquela canção
nunca vou produzir
aquele poema
nunca vou escrever
aquela entrevista
nunca vou conceder
aquela emoção
nunca vou inspirar
aquele dinheiro
nunca vou receber
aquela pessoa
nunca vou encontrar
há vidas e vidas
nesta vida
quem sabe outras vidas
para serem vividas
em outros lugares
quem sabe

Rio, 2016

é fácil saber
quando o amor acabou
quando o prazo esgotou
quando o fim já chegou
é fácil saber
não há mais dor
de repente acontece
e é impossível escrever
mais um poema de amor

Rio, 2016

Presente estranho

pediram um poema
de aniversário
pensei num navio
num lindo corsário
aventuras
amantes
romance
final feliz

pediram um poema
de aniversário
pensei e o desejo
tornou-se adversário
entraves
prisões
desastre
desinspiração

pediram um poema
de aniversário
a vida pesou
e só vi o calvário
dores
mazelas
pobreza
o real

pediram um poema
de aniversário
quis desistir
mas é necessário
talvez
um orgasmo literário
ou mesmo
um absurdo imaginário

pediram um poema
de aniversário
pensei em rimas
um metro perfeito
ou um ritmo alucinante
um verso tocante
lascivo quem sabe
sabor de jasmim
algo assim
mas o mundo
esse mundo
e a vida
essa vida
o tempo
esse tempo...

presentes
pedidos
aniversário
pode ser que tudo não passe
hoje em dia
de algo arbitrário
desnecessário
desutilitário
você sabe
a modernidade
a atualidade
a nova verdade
o vintage pós-moderno
o neonovo pseudoeterno
até o verso
parece digitalmente adverso
seu próprio reverso
ou não
como se deve dizer
para impressionar
no momento propício
entre dois goles de chá
numa burguesa tarde
junto à intelectualidade

é tudo um sintoma
da desconstrução
da evolução
é algo binário
entre o real
e o digital
é tudo um sarcoma
um erro fatal no genoma
onde o extraterrestre?
onde o salvador?
onde o detalhe
o botão
que alivia a dor?

enfim...

é tempo de alegria
de celebração
essa data não é todo dia
a felicidade
sempre vem na contra-mão
as velas se extinguem
o bolo se come, delícia
aproveite o momento
é fugaz a emoção
todo desejo
é pura imaginação

pois é...

pediram um poema
de aniversário

pediram um poema

pediram

Rio, maio de 2016

uma lágrima foge do controle
e desvairada
se esborracha na ilusão

uma lágrima fora de controle
escapa
e interrompe a sessão

uma lágrima festiva
tropeça
e embebedada a diversão

uma lágrima fora de hora
acorda-se do tempo
e antecipa a emoção

uma lágrima desnuda
quente, intensa
convida à paixão

uma lágrima abusada
safada
agradece o tesão

uma lágrima desponta
saltitante
iluminando a escuridão

uma lágrima
isolada
esbofeteia a agressão

uma lágrima perdida
aparece disfarçada
e contempla a imensidão

uma lágrima feliz
risonha e pura
ratifica a união

uma lágrima saúda
o começo
da estação

uma lágrima
só uma lágrima
e o adeus vira perdão

uma lágrima perdida, desesperada
despenca e morre
no vazio da religião

uma lágrima sofrida
descansa
em meio à multidão

uma lágrima completa
definitiva
encerra a discussão

uma lágrima destemida
se levanta
contra a podridão

uma lágrima chorada
maltrata
e confirma a solidão

uma lágrima
torturada
desvia a atenção

uma lágrima compacta
macia
resume a conclusão

uma
lágrima
e então

uma lágrima inusitada
derrete-se pelo verso
e encerra a canção

de que adianta saber latim
se você não gosta de mim

Rio, 2016

há dias bons
e dias ruins
dias curtos
e noites sem fim
o que não se explica muito bem
é o porquê de ser assim

Rio, 2016

@br

Herói.
Emoção.
Felicidade.
Ilusão.
Realidade.
Romântica.
Palavras.
Semântica.

Rio, 21.08.2016

beijar os lábios do desejo
não de alguém
gozar do gozo sem rosto
sem corpo
fundir a alma na alma
e voar
levitar
viver o sonho irreal
transmutar a carne
em paixão
aluvião
sopro vital
abissal
animal
a lava fervente
mordente
no centro do mundo
explosão
vibração
conjunção
profundeza
cruzeza
certeza
nada de amor – entidade abstrata
só os sentidos – em fruição desmediata
a vida toda em um momento
eterno
em volta, o nada
completo
insensação
abandono
paz
o mais
não importa

Rio, 2016

como lidar com a perda
sem se perder?
como viver a vida
sem se morrer?
como sentir a morte
sem se viver?
como nascer o dia
sem anoitecer?
como amar
sem sofrer?
como gozar
sem dar prazer?
como ganhar
sem perder?
como lidar com a perda
sem se perder?

...

Rio, 2016

Poesia ainda que tardia

enquanto o país descaminha
o circo emotiva
e o pão dormido alivia a fome
a escola faliu
a empresa ruiu
o pobre se fodeu
mas o rico enriqueceu
é sempre assim
— não apontem pra mim
de um lado o caos
do outro também, e pior
a propina troca de mãos
as ideologias se invertem
tudo aqui é polar, bipolar, multipolar
o fascismo da direita
o fascínio da esquerda
no meio a massa amorfa
um lado é conduzido, iludido
o outro é abduzido, reprimido
o resultado é o povo sofrido
deem-me uma alavanca e moverei o mundo
fraudem-me uma eleição e levá-los-ei ao fundo
um lado vibra
o outro lamenta
no cômputo geral é só pimenta
a desorganização bilateral fermenta
o resto do mundo caminha para o retrocesso
e aqui caminhamos para o desprogresso
é bem capaz de deus tomar posse
do congresso
é bem capaz da borracha conduzir
o processo
é bem capaz da força sobrepujar a inteligência
mas qual inteligência
a de lá ou a de cá?
porque todos estão certos
todos são infalíveis
mas faz 516 anos que afundamos na merda
algumas subidas para respirar
mas nosso lema parece ser chafurdar
porcos com celular
arrogância temos de sobra
corrupção temos à larga
certezas temos aos montes
bandalheira temos a dar com o pau
o pau da bandeira a meio-pau
o pano que enrola a manipulação
haja manifestação!
o pau que empala a população
e os intelectualoides não veem a armação
pudera! são inteligentes ignorantes úteis
massa de manobra

e os esquerdoídes não veem a obsolescência
dois lados da mesma putrefação
esquerdoíde não é de esquerda
contribui para o sucesso da direita
do fascismo
do nazismo
do conservantismo
eu sou de esquerda
pura, puta, progressista, desafiadora, desinteressada, pensadora
quase utópica, distópica
semente de futuro
sem rótulos
não marxista, leninista, socialista
esquerda
só esquerda
o não a tudo que é retrógrado
moralista
e só
e por isso tenho nojo
dessa ditadura implícita
dessa roubalheira impunida
dessa moralidade hipócrita
dessa brigalhada inócua
dessa palhaçada midiática
dessa impudicícia
dessa falta de ética
no dia a dia
desse meu pirão primeiro
festeiro
dessa indelicadeza
dessa falsa riqueza
não percebem os tolos que a divisão sempre trará a vitória
a um dos lados
e é sempre o lado errado
ganhar é errado
num país não pode haver ganhar e perder
não percebem os imbecis que a união é que faz a força
clichê batido mas verdadeiro
que poderia nos tirar do atoleiro
sou pela liberdade
de tudo
sou contra a atrocidade
da ilusão subvencionada
paga
da religião dos vendilhões do templo
cartão de crédito da fé
que não paga impostos
está cada vez mais difícil ter amigos
nessa modernidade líquida
nessa desinteração diluída
nessa desintegração anunciada
nessa deseducação desintelectualizada
nessa cordialidade hipocritizada
nessa pseudomodernidade fossilizada

nessa conversa mole de bar a que chamam academia
nesse joguinho político dos clubinhos eleitores
pobre do país onde a vida confortável só se atinge jogando futebol
sambando
cantando bobagens
youtubando idiotices
estufando peitos e bundas
trincando abdomens
ou fazendo concursos públicos
pobre de ti brasil
já foste há muito pra puta que te pariu
aqui não adianta lutar por liberdade e justiça
toda conquista é postiça
até a próxima briga pelo poder
imaturidade de alto nível
 vaidade sociopática
quando tudo se desfaz e se busca novo ideal
o brasileiro vive de ideais
não importa quais
o importante é ter uma história pra contar
de vitória
de heroísmo
de superação
sempre uma palavra da moda
democracia é o curinga de sempre
justificando a alienação
ou
a perversão
o estupro coletivo da verdade
o brasileiro não é cordial
o brasileiro é individual
desigual
estou cansado das gentes
estou cansado das coisas
estou cansado das mentes
estou com nojo
nojo do país como um todo
nojo das pessoas
das ideologias fabricadas
das perseguições disfarçadas
das competições desbragadas
regiamente pagas
do toma lá dá cá
da ilusão midiática
da inaceitação psicopática
de quem luta pela volta do passado
de quem apoia o que já não deu certo
nojo
muito nojo
e cansaço
meu trabalho é infrutífero
e mal pago
verdadeiro sonífero
ensinar hoje é fingir

torcer para o aluno não fugir
culpa do governo
culpa da família
culpa da escola
mea culpa também
que digo amém
culpa do sistema
falido, combalido
meu maior medo é me entregar
e começar a ter nojo de mim mesmo
não precisamos de lágrimas na tv
não precisamos de promessas vãs
nem de populismo nem de meritocracia
nem de ingenuidade nem de linha dura
não precisamos de revoluções
precisamos de desinteressadas e despolitizadas resoluções
precisamos de soluções
concretas
definitivas
construídas
de gente convicta
que convença quem tem muito
a deixar que um pouco de seu muito venha pra quem tem menos que pouco
mas quem tem muito quer ter muito mais
e quem tem pouco terá menos ainda
os ricos defendem a riqueza para gerar mais riqueza
falácia
riqueza é poder
e o poder é narcótico, idiótico
enquanto houver pobreza não haverá nobreza
nem país
nem brasil
esse arremedo de nação
republiqueta fruto de uma decisão
não de um ideal
de uma verdadeira irmanação
desde o início somos uma necessidade
uma satisfação dos desejos de alguém
precisamos ser uma unanimidade
e não privilegiar ninguém
neste país
o excesso de dinheiro não resolveu
deus não resolveu – esse nunca resolve porra nenhuma mesmo
a polícia não resolveu
a intelectualidade não resolveu
a porrada não resolveu
a tortura não resolveu
a jactância não resolveu
a intemperividade não resolveu
a passividade não resolveu
a agressividade não resolveu
só o estudo desacademizado e praticizado, contextualizado resolve
só a conversa resolve
só o desinteresse resolve

só a inclusão resolve
só a aceitação resolve
só a concessão resolve
é preciso educação
a verdadeira
aquela não eleitoreira
a que permeia o dia a dia
a que ilumina com sabedoria
ou continuaremos pastando
hibernando
voltando
retrocedendo
se fodendo
não adianta clamar por paz
alardear os benefícios do amor
filosofar o dia inteiro
idolstrar o messiânico mensageiro
sem cumprimentar o porteiro
sem desidolstrar o dinheiro
enquanto isso
e por isso
em meio ao desespero
em meio à desilusão
como último recurso
como um estopim
um início de discurso
no centro do caos urbano
em rejeição ao conluio profano
humilde e pateticamente
desesperadamente
despudoradamente
ideologicamente
tresloucadamente
ainda que desesperançadamente
eu conclamo
em surda gritaria
em suicida agonia
em impotente apatia
poesia
ainda que tardia

Rio, 2016